



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS ESPANHOL**

MÁRCIA MARIA SANTOS SILVA

FRIDA- ARTISTA E MULHER: TRAJETÓRIA DE VIDA

CAMPINA GRANDE

2019

MÁRCIA MARIA SANTOS SILVA

FRIDA- ARTISTA E MULHER: TRAJETÓRIA DE VIDA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Língua Espanhola da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Espanhola. Área de concentração: Literatura Hispanoamericana.
Orientador: Prof.^a Dr.^a. Gilda Carneiro Neves Ribeiro

CAMPINA GRANDE

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586f Silva, Marcia Maria Santos.
Frida-artista e mulher [manuscrito] : trajetória de vida /
Marcia Maria Santos Silva. - 2019.
31 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Prof.^a Dr^a Gilda Carneiro Neves
Ribeiro, Coordenação do Curso de Letras Espanhol -
CEDUC."
1. Análise literária. 2. Feminismo. 3. Biografia. 4.
Resistência . I. Título
21. ed. CDD 801.95

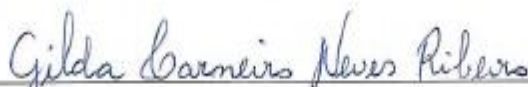
MÁRCIA MARIA SANTOS SILVA

FRIDA- ARTISTA E MULHER: TRAJETÓRIA DE VIDA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Língua Espanhola da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Espanhola. Área de concentração: Literatura Hispanoamericana.

Aprovada em: 18/06/2019.

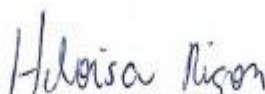
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Gilda Carneiro Neves Ribeiro (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.º Me. Alessandro Giordano (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª Heloisa Costa Rígon (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À Deus, pela vida e pelas realizações todos os dias. À minha mãe, meu esposo e ao meu filho, pela compreensão e paciência.
DEDICO.

*“Pies, para que los quiero si tengo
alas para volar”*

Frida Kahlo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	09
2.1	Um passeio pela história de Frida: sofrimento na infância e adolescência.....	10
2.1.1	<i>A juventude: Primeiros amores e mais sofrimento</i>	10
2.2	Frida e suas obras.....	12
2.3	A Fênix Mexicana e o Muralista Mulherengo.....	12
2.3.1	<i>A vida cotidiana do casal e as várias traições de Diego</i>	13
2.4	A separação: ida aos Estados Unidos.....	17
2.5	Traições múltiplas e recíprocas.....	18
2.6	Novo enlace matrimonial.....	21
2.7	A dolorosa partida.....	21
3	CONCLUSÃO	22
4	REFERÊNCIAS	23
5	IMAGENS	24
6	AGRADECIMENTOS	31

SILVA, Márcia Maria Santos. **Frida- artista e mulher: trajetória de vida.** Campina Grande: UEPB, 2019. 37p

Resumo

Este artigo tem como objetivo, fazer uma breve viagem pela vida de uma das mulheres mais importantes da história da humanidade. Frida Kahlo, foi e continua sendo um ícone da sociedade no que diz respeito à luta pela igualdade feminina e contra o preconceito como um todo. Ela era uma mulher forte, autêntica, empoderada, comunista e bissexual. Sofreu com a dor física e emocional, porém, não se deixou abater por nada, e lutou por seu lugar no mundo em uma época em que as mulheres tinham que resignar-se e sucumbir às vontades que os homens lhes impunham. O estudo da biografia de Frida, além de mostrar a força e vivacidade de uma mulher prodigiosa, mostra que ela era também uma pintora descomunal e autodidata. Suas pinturas retratam o sofrimento passado desde a infância, os amores na adolescência, o acidente que a deixou debilitada, a vida adulta, o cotidiano com limitações, o casamento com o pintor muralista Diego Rivera, as múltiplas e recíprocas traições e a profunda tristeza por não poder ter um filho. Na sociedade de hoje, pelo fato de ainda serem tratadas com inferioridade por pessoas machista, muitas mulheres se sentem ainda impotentes, e lhes falta coragem para alcançar seus objetivos. Apesar de tudo, estão progredindo, conquistando vários espaços, principalmente no âmbito profissional e intelectual. Frida Kahlo ainda é uma figura presente em vários manifestos da luta a favor da igualdade social e racial; essas lutas servem para que a sociedade possa reconhecer os méritos das mulheres, para mostrar que elas são capazes de realizar muitos feitos, e que a vida não é feita de sonhos, mas de realizações. Palavras-chave: Frida. Vida. Paixão. Resistência.

SILVA, Márcia Maria Santos. **Frida- artista e mulher: trajetória de vida.** Campina Grande: UEPB, 2019. 37p

Resumen

Este artículo tiene como objetivo, hacer un pequeño viaje por la vida de una de las mujeres más importantes en la historia de la humanidad. Frida Kahlo, fue y sigue siendo un ícono de la sociedad con respecto a la lucha por la igualdad de las mujeres y en contra del prejuicio como un todo. Ella era una mujer fuerte, auténtica, empoderada, comunista y bisexual. Sufría el dolor físico y emocional, pero no se dejó abatir por cualquier cosa, luchó por su lugar en el mundo, en un tiempo en el que la mujer tenía que resignarse y sucumbir a la voluntad impuesta por los hombres. El estudio de la biografía de Frida, además de mostrar la fuerza y vivacidad de una mujer prodigiosa, demuestra que ella era también una formidable pintora y autodidacta. Sus pinturas retratan el sufrimiento pasado en la infancia, los amores de adolescente, el accidente que la dejó debilitada, la edad adulta, la vida cotidiana con limitaciones, el matrimonio con el pintor muralista Diego Rivera, las múltiples y recíprocas traiciones y la profunda tristeza por no poder tener un hijo. En la sociedad actual, por el hecho de todavía ser tratadas con inferioridad por personas machistas, las mujeres se sienten despreciadas y les falta coraje para lograr sus objetivos. A pesar de todo, ellas están conquistando varias plazas,

principalmente en el ámbito profesional e intelectual. Frida Kahlo es una figura presente en varios manifiestos a favor de la lucha por igualdad social y racial; estas luchas son para que la sociedad pueda reconocer los méritos de las mujeres y que ellas son capaces de lograr muchas cosas, y que la vida no está hecha de sueños, sino de logros.

Palabras-llave: Frida. Vida. Pasión. Resistencia.

Frida- Artista e Mulher Trajetória de vida:

1 INTRODUÇÃO.

Este artigo visa realizar um estudo da biografia de Frida Kahlo, um ícone da sociedade e da luta contra o machismo e a intolerância. Na infância, ela contraiu poliomielite e ficou com uma perna mais fina que a outra. Na adolescência, ao ingressar na Escola Preparatória Nacional, conheceu seu primeiro amor, Alejandro Gomes Árias. Sofreu um acidente aos 18 anos, que a deixou por vários meses debilitada, fez inúmeras cirurgias e usou vários coletes de gesso.

Casou-se com o pintor muralista Diego Rivera, 21 anos mais velho que ela. Foi um casamento cheio de traições recíprocas e dolorosas principalmente para Frida. Pintou autorretratos que representavam suas dores e frustrações, como em *Sem Esperança e Hospital Henry Ford*; e em *Umas facadinhas de nada*, retrata o que posteriormente seria alvo de movimentos sobre a violência contra a mulher e o feminicídio: (homicídio cometido contra mulheres motivado por violência doméstica e/ou discriminação de gênero).

Este estudo visa replicar a seguinte pergunta: a compreensão do feminismo no âmbito das leis vigentes é realmente propagada na sociedade? Há informações de quais são os direitos da mulher diante de uma sociedade machista e preconceituosa? Como podemos inserir nesse contexto as realizações e conquistas promovidas por Frida Kahlo ao longo de sua vida? Vamos aprofundar este estudo com os relatos das situações vividas ao longo da vida, por nossa “garota prodígio”; Frida foi uma mulher à frente de sua época, autônoma, autodidata; na arte de dissimular, era expert, a fim de esconder também as dores que sentia e o sofrimento da vida cotidiana. Assim como diz Accetto:

Aqueles que se aplicam ao prazer da parte que em nos está sujeita à morte, desprezando o uso da razão, tomam hábitos das feras; pois assim devem ser considerados, como exprimiu o Epíteto estoico ao dizer: “Sou de fato pobre homem, e minha miserável carne se, realmente miserável. Tens, não obstante, algo que é superior à carne. Por que então, o abandonaste e estás atado à carne? por esse laço com a carne, alguns, vergando-se a ela, fazem-se semelhante aos lobos, infiéis, pérfidos, e insidiosos; outros semelhantes aos leões, brutais, ferozes e truculentos, e enfim, a maior parte de nós torna-se semelhantes às raposas”. (ACCETTO, 2001, pág. 41)

Ela era bissexual, algo que naquela época já era tido como algo fora dos padrões da sociedade. Até hoje, a homofobia está presente em nossa sociedade, e mesmo com as leis vigentes (Lei de Racismo (7716/89), que hoje prevê crimes de discriminação ou preconceito por “raça, cor, etnia, religião e procedência nacional”), que criminalizam tal prática, ainda é sentido que elas não são cumpridas rigorosamente. Contudo, o que podemos mostrar com este trabalho, é como de alguma forma, a vida de Frida Kahlo está ligada às manifestações contra quaisquer tipo de preconceito. Kahlo impôs ao longo de sua vida que era senhora de si, que viveria da maneira que quisesse, que não baixaria a cabeça diante de qualquer pessoa, lutou e conquistou seu lugar “ao sol”, com muita irreverência, pois não se deixava abater por maledicências e picuinhas. Para uma mulher ser bem vista em sua época, teria que sucumbir às vontades de uma sociedade machista e controladora. Frida foi opositora a isso; não aceitou ajuda financeira de Diego após a separação, queria viver independente. Jamais submeteu-se a ninguém. Comunista, lutou contra a repressão, foi a manifestações, lutou por causas justas, pela liberdade e pela igualdade dos gêneros.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA.

Desde os primórdios, a opressão contra a mulher foi muito grande; a contar pelas inúmeras batalhas vividas por elas para conquistar seus espaços, bem como, a luta contra o machismo, a misoginia e a discriminação. O filme “As sufragistas”, da diretora Sarah Gavron, cineasta britânica, lançado no dia 24 de dezembro de 2015, mostra a saga das mulheres na luta pelo direito ao voto e contra a tirania dos homens, com sofrimento e morte por uma causa justa. A biografia de Frida Kahlo, escrita por Herrera (2011), explana a vida da pintora desde a infância, e nos instiga a buscar conteúdos que se assemelhem ao que ela viveu. Ao longo da leitura, podemos fazer uma comparação entre as conquistas de Frida, e as das feministas de hoje. O feminismo no mundo é mostrado em publicações em vários artigos. O mundo está passando por transformações no que diz respeito aos direitos das classes mais oprimidas, mas ainda não é o que queríamos. As mulheres, as negras, os homossexuais, as pessoas que estão fora dos padrões de beleza impostos pela sociedade, ainda sofrem preconceitos e racismo, e para que se possa mudar realmente tudo isso, precisamos educar e nos educar.

Nos textos de Accetto (2001), a dissimulação é a arte de poder representar ou fingir algo que não se sente e/ou para esconder algo que se está sentindo. Frida era assim, uma pessoa dissimulada; sabia representar quando lhe convinha; admirada por muitos, fazia valer suas vontades, tinha um poder de persuasão incomparável. Mesmo que não parecesse, comandava seu casamento com Rivera. Em um trecho da obra de Accetto ele diz:

Muita prudência se requer para conter tão vigorosa alteração; e de quem incorreu em tanto ímpeto Platão disse: “Amansa-se pela voz da razão que está nele, como se se amansasse o cão pela voz do pastor.” (ACCETTO, 2001, pág. 59.)

Frida sabia como amansar Diego. A primeira impressão que Frida passava quando a conheciam era de uma mulher delicada e frágil, porém, ela era extremamente forte e autêntica, bem como empoderada e autônoma.

2.1 Um passeio pela história de Frida: sofrimento na infância e adolescência.

Frida nasceu em 7 de julho de 1907, pela manhã, na cidade do México. Filha de Guillermo e Matilde Kahlo, foi batizada com o nome de *Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón*; terceira filha de Guillermo Kahlo, que havia casado com Matilde após a morte da primeira esposa. Após o nascimento de Frida sua mãe ficou muito doente e não pode alimentá-la. Ela foi alimentada por uma índia ama de leite. Três anos depois do seu nascimento, começou a Revolução Mexicana, e sua mãe passou a ajudar os camponeses de Zapata, dando-lhes comida e cuidando de suas feridas.

Aos 6 anos de idade, Frida teve poliomielite, permanecendo 9 meses em seu quarto, confinada. Tal situação a deixou muito melancólica. Aquela criança alegre e arteira, se tornou triste e introspectiva. Porém, quando se recuperou, passou a praticar vários esportes como natação, futebol, boxe e exercícios físicos, para fortalecer a perna que havia ficado mais fina que a outra devido à doença. Sofria bullying na escola: as crianças chamavam-na “*Frida pata de palo*”. Quando criança esse problema não a incomodava, porém, com o passar dos anos passou a calçar

várias meias, umas por cima das outras, para tentar disfarçar a assimetria das pernas.

Na juventude, Frida ingressou na Escola Preparatória Nacional, sentiu-se mais livre, longe do controle dos pais, principalmente dos olhos controladores de sua mãe, que reprovou o vínculo com a instituição, justamente por não poder monitorá-la. Nessa escola, estudavam os filhos dos comerciantes da capital, que eram preparados para as Universidades e Institutos Federais. A maioria dos estudantes do ensino médio era do sexo masculino; as meninas eram poucas. Frida entrou no colégio com quatorze anos, vestida como uma estudante alemã. Corria pelos corredores, cumprimentando ou, às vezes fazendo chacota dos mestres. Era dissimulada e atrevida, aprontava muito e fazia-se de desentendida. Sua amiga de infância, Alicia Galant, que após alguns anos, seria modelo para um dos quadros de Frida, recorda que a amiga também usava roupas masculinas, cabelo curto, pedalando sua bicicleta pelas ruas de *Coyoacán*.

Na escola estava sempre em companhia de seu grupo de amigos (*los cachuchas*) e fazia muitas diabruras. Eram sete rapazes e duas meninas, lutavam por causas não políticas, encontravam-se sempre na Biblioteca Ibero-Americana instalada na Igreja da Encarnação. Principalmente na escola, Frida foi muito ousada. Não gostava de salas de aula, e sempre que possível, burlava as regras e fugia. Considerava que os professores não sabiam nada, pois tinham que consultar os livros. Ela chegou ao ponto de pedir que os mesmos fossem desligados da escola.

Gostava de estar no auditório da escola com seus amigos “*cachuchas*”, onde Diego Rivera pintava um mural e muitas vezes havia belas modelos. Frida reunia os *cachuchas* e dizia: “vamos, Diego está pintando uma modelo nua” e saíam todos correndo para o auditório. Frida era uma espécie de líder nas horas das travessuras. Atormentava Diego, dizendo que Lupe Martin (esposa de Diego na época) estava vindo. O susto era eminente, e Diego começava a gritar como louco xingando todos de delinquentes.

2.1.1 A juventude: Primeiros amores e mais sofrimento.

No decorrer da vida acadêmica, Frida se apaixonou por um de seus amigos “*cachuchas*”, Alejandro Gomes Arias. Era um rapaz muito sério, disciplinado e sempre dava lições de moral em seus companheiros, além de ser adverso à vulgaridade e à falta de respeito com quem quer que fosse. Para Alejandro, Frida era como sua amiga íntima, e ele não gostava de usar a palavra “namorados”, pois achava que era uma palavra burguesa e isto não lhe agradava. Frida e Alejandro ficaram separados por todo o período de férias, e para ela foi muito desesperador.

Não apenas por conta das férias escolares, mas porque em 30 de novembro de 1923, houve uma rebelião contra o Presidente Obregón. Em virtude dos atos contra os rebeldes, Vasconcelos, que era ministro da educação, demitiu-se do posto, porém, teve que voltar para o cargo por causa de retaliação.

A mãe de Frida, temendo que sua filha sofresse represálias ou agressões, proibiu-a de ir para a cidade. Ela começou a escrever muitas cartas de amor para Alejandro, sofria muito com a separação, chegava a implorar seu amor, dizia que não conseguia viver sem ele e que viesse visitá-la. Podemos dizer que Frida sempre soube como persuadir qualquer pessoa, e com sua graça e delicadeza conquistou o coração de Alejandro e muitos outros amores. As cartas de amor entre Frida e Alejandro tornaram-se mais íntimas, assim como o sexo entre eles. Para ela, o sexo sempre foi uma maneira de viver a vida intensamente. Frida foi muito precoce

sexualmente, e os pais de ambos não aprovavam o relacionamento. Ela se encontrava com seu amado às escondidas e sempre procurava uma oportunidade para escapar.

Frida tinha outra irmã mais nova, Cristina, que tornou-se cúmplice das suas escapadas com Alejandro. Ela dizia que precisava ganhar dinheiro para ajudar nas despesas, e começou a trabalhar com o pai depois da aula, muitas vezes para escapar dos olhos protetores de sua mãe e também para encontrar Alejandro. Trabalhou, inclusive em uma farmácia, como caixa, e depois em um depósito de madeira. Passou a estudar estenografia e datilografia, e de acordo com Alejandro, teve sua primeira experiência homossexual com uma funcionária da biblioteca do Ministério da Educação, quando candidatou-se para uma vaga de trabalho e a tal mulher a seduziu. Quando os pais dela descobriram o romance foi um escândalo. Mais tarde, Frida trabalhou com um amigo de seu pai, Fernando Fernández, que ensinou-a a desenhar e teve um envolvimento amoroso com ela, causando ciúmes em Alejandro, que se sentiu traído.

Dezessete de setembro de 1925 foi o dia fatídico em que Frida sofreu o acidente que deixou-a debilitada e presa em uma cama por vários meses. Ela ia para casa com Alejandro em um bonde quando este foi destruído por um ônibus. De acordo com Alejandro, quando ele conseguiu sair de baixo do bonde, viu que Frida tinha sido atingida por uma barra de ferro que transfixou de sua pélvis para fora da vagina, que ela estava com a roupa aberta, quase nua, coberta de sangue, com uma camada fina de pó dourado por cima de seu corpo e gritava de dor e agonia.

Os médicos chegaram a cogitar que a mesma não sobreviveria à tragédia, porque seu corpo tinha sido quebrado em vários pedaços. Mesmo diante da tragédia que ocorreu em sua vida, Frida fazia brincadeira, e dizia que tinha perdido a virgindade naquele acidente. A única que ficou para ajudar foi Matilde, uma das irmãs de Frida que ela havia ajudado a fugir com o namorado. Sua mãe permaneceu em estado de choque e seu pai em luto. Os amigos iam visitá-la no hospital; apenas Alejandro não ia com frequência. Frida escreveu-lhe várias cartas, mas ele não respondia.

Frida ficou no hospital de Vera Cruz até 17 de outubro de 1925, um mês depois do acidente, recebeu alta e foi para casa, onde passou mais de três meses, deitada, envolta com gesso e aparelhos. A coluna havia sido quebrada em três lugares, a clavícula teve fraturas e três vértebras quebradas, onze fraturas no pé direito e na pélvis em três lugares. A casa azul em *Coyoacán* (onde vivia com sua família) era longe do centro da cidade do México, Frida pediu a Alejandro nas suas cartas para ir visitá-la, mas ele não foi. Disseram que ele havia descoberto a traição com Fernando Fernández.

Frida Kahlo estava recuperando-se a cada dia. Sua mãe, que era muito católica, pediu que fosse rezada uma missa e publicada uma nota de agradecimento ao hospital e aos médicos que cuidaram de sua filha. Alejandro veio a descobrir que Frida tinha vários casos amorosos, que foi traído várias vezes, o que provocou uma briga entre eles. As acusações que Alejandro tinha feito a ela deixaram-na desolada. Ela disse que podia ter beijado uns e saído com outros, porém o único que amava era "Alex". As acusações tiveram sérias consequências, porque ninguém mais queria ser amigo dela. Agustina Reyna declarou que afastou-se de sua amiga porque Alejandro disse que ela era pior que Frida, não tinha nenhum valor.

Por várias vezes Frida tentou uma reconciliação, escreveu várias cartas de amor para Alejandro e pintou um retrato para presenteá-lo. Começou a pintar ainda doente, terminou em setembro e enviou a Alejandro. Mais tarde, ele a perdoou e

voltam a ficar juntos. Em março Alejandro viajou para a Europa, sem se despedir, para estudar alemão. Disseram que seus pais queriam separá-lo de Frida. Ela continuou a escrever para ele, até que retornou em novembro, mas o término da relação era inevitável: ambos estavam engajados em outros compromissos, ele com a Universidade e ela dedicada à pintura.

2.2 Frida e suas obras.

Apesar de tudo que já havia passado, as pinturas de Frida eram cheias de cores, gostava de pintar autorretratos, flores e frutos, amava as cores e formas grotescas e afirmava:

A minha obsessão era começar de novo, pintando coisas simplesmente como eu as via com meus próprios olhos e nada mais...Assim, quando o acidente mudou meu caminho, muitas coisas me impediram de realizar os desejos que todo mundo considerava normais, e para mim nada pareceu mais normal do que pintar o que não havia realizado (HERRERA, 2011, pag. 98)

Através da pintura, Frida retratava sua vida dolorosa, porém, mesmo que sentisse dores, ninguém em sua família dizia que ela estava doente; não deixava transparecer o que estava sentindo, mostrava-se sempre alegre e guardava seu padecimento no mais profundo de sua alma. Estava ferida, machucada, mas era muito forte, tinha recaídas e se recuperava, tornando-se ainda mais ativa e senhora de si. Até hoje permanece sua imagem de mulher forte, empoderada, que lutou por seu lugar em uma sociedade machista, conquistou o respeito e o amor de várias pessoas (inclusive dos homens). Não era uma “mulher frágil”, era uma verdadeira fortaleza, com grande poder de decisão, nunca aceitava ser chamada de pobrezinha, e mesmo nas horas dolorosas e das limitações impostas pelas dificuldades do cotidiano e pela doença, levava uma vida leve e cheia de realizações.

2.3 A Fênix Mexicana e o Muralista Mulherengo.

Quando Frida e Diego se conheceram, o encanto um pelo outro aconteceu rápido, em pouco tempo começaram a namorar, frequentavam saraus e festas juntos. Ela vivia grudada nele: quando não era em cima dos andaimes enquanto ele trabalhava, era na casa dela em Coyoacán, pois ele a visitava com muita frequência.

A mãe de Frida reprovava o romance, pois Diego era mais velho que ela, vivido, experiente, já havia sido casado e, para ela era como unir um elefante a uma pomba. Os Kahlo estavam com a casa hipotecada, e sem qualquer dinheiro para pagar as despesas médicas de Frida. Quando resolveram casar-se, Guillermo, pai de Frida, disse a Diego que ela era uma mulher cheia de limitações, muito doente e que ele pensasse se era o que realmente queria. Diego não hesitou, e após o casamento, o pintor quitou tudo, pagou a hipoteca da casa e outras dívidas da família de Frida. No dia do casamento somente seu pai apareceu; foi na antiga prefeitura da “*delegación de Coyoacán*”. A cerimônia civil foi realizada pelo prefeito, noticiada em 23 de agosto de 1929. A notícia dizia que Diego Rivera havia casado na quarta-feira, na “*delegación de Coyoacán*”, com a senhorita Frida Kahlo, uma de suas alunas. A noiva estava vestida com roupas simples e o pintor Rivera à americana, usando um terno sem colete. A cerimônia foi simples, celebrada em

atmosfera cordial, sem ostentação e sem pompas. Depois do enlace, os noivos foram calorosamente cumprimentados por seus amigos mais íntimos.

2.3.1 A vida cotidiana do casal e as várias traições de Diego.

Após o casamento, foram viver em uma casa muito elegante da época da ditadura de Díaz. Moravam lá também, uma mulher para o trabalho doméstico, Margarita Dupuy, Siqueiros e sua esposa (Branca Luz Bloom) e mais duas pessoas, todos comunistas, mas a moradia não durou muito. Rivera foi acusado de trair o partido, trabalhando para o governo. Uma reunião foi marcada para sua expulsão, em 3 de outubro de 1929.

Diego chegou, sentou-se, tirou da cintura uma enorme pistola e colocou-a em cima da mesa. Cobriu a arma com um lenço. Depois disse: "Eu, Diego Rivera, secretário geral do partido comunista, acuso o pintor Diego Rivera, de colaborar com o governo pequeno-burguês do México e de ter aceitado pagamento para pintar a escadaria do Palácio Nacional do México." Isso contradiz a política da Comintern e, portanto, o pintor Diego Rivera deve ser expulso do Partido Comunista pelo secretário-geral do partido comunista, Diego Rivera". O próprio Diego se declarou expulso, ficou de pé, removeu o lenço, pegou a pistola e quebrou-a. Era feita de argila. (HERRERA, 2011 pag.131)

Depois disso, Diego começou a trabalhar com afinco, foi nomeado diretor da Academia de Belas Artes de San Carlos, onde tinha estudado quando criança, mas foi retirado do cargo pela pressão da oposição, em menos de um ano.

Nos primeiros meses de casamento, Frida não pintou muito, mas Diego, não descansava. Sofreu um esgotamento físico que o obrigou a parar um pouco e descansar, e Frida cuidou de seu amado. Aprendeu com Lupe Martin (ex esposa de Diego) várias coisas que o marido gostava, e quando levava seu almoço, preparava a cesta com muita delicadeza, cheia de coisa que ele apreciava, mesmo com todo amor demonstrado por ela, Diego não era fiel, e muitas vezes Frida teve que suportar as traições do esposo. Eles se amavam muito, mas Diego alegava não ter nascido para ser fiel, mesmo amando muito Frida não se continha diante de uma mulher bonita. Para Schopenhauer,

...a natureza inclina o homem à infidelidade no amor e a mulher, à fidelidade. O amor, no homem, decresce assim que logra a satisfação de seus desejos; todas as outras mulheres lhe oferecem mais atrativos do que a que possui, aspira à mudança. Ao contrário, na mulher, o amor aumenta precisamente a partir daquele momento. É esta uma consequência da finalidade da natureza: a conservação da espécie e o aumento de número de seus indivíduos. (SCHOPENHAUER, pag. 18)

Mas Frida sabia muito bem como atrair os olhares do marido, sabia se impor, se auto afirmar e mostrar que ele era dela, era o seu Diego que a tratava por bonequinha.

Diego e Frida haviam pensado na construção de casas separadas para morar no México. Uma ponte integraria as duas casas: a de Frida menor e mais intimista e a de Diego com um grande espaço transformado em estúdio. A dela teria uma porta que ela poderia fechar sempre que quisesse. Após ficar pronta, Frida tinha o hábito de sempre estar com Diego em sua parte da casa, colocando as coisas em ordem, e Diego ficava louco, pois dizia que se ela arrumasse a sua

bagunça jamais encontraria suas coisas. Na casa de Diego havia vários encontros com os amigos, mas Frida não era feliz. Ela não teve filhos, sofreu vários abortos, cada vez ela perdia a esperança de ter um filho de seu amado e por isto chorava desesperadamente. Diego temia pela vida da esposa e dizia que não queria filhos.

Em 1930, eles embarcaram para São Francisco e foram morar no estúdio de Ralph Stackpole, no bairro dos artistas. Rivera começou a pintar em 17 de janeiro de 1930 a alegoria da Califórnia na Bolsa de Valores. Frida sentia-se entediada, detestava as pessoas daquele, para ela eram como pessoas de pensamento mesquinho. Passados seis meses, ela teve que ficar de cama novamente por 180 dias por causa do pé. Mesmo estando doente, pintou vários quadros, pintou seus amigos, o retrato de Eva Frederick, (mulher exuberante e inteligente), pintou também um retrato da Sr.^a Jean Wight, que depois de um tempo resolveu ficar na casa de Frida e Diego.

Eles se programaram para passar 10 dias de descanso (na Califórnia) na casa da Sra. Sigmund Sterm (benfeitora das artes) e ficaram lá por 6 meses. Quando retornaram para San Francisco em 23 de abril de 1931, Diego pintou o afresco da Escola de Belas Artes e Frida pintou o retrato do seu casamento. "*Frida e Diego*". Mesmo sabendo que seu esposo a amava, Frida sabia que a maior paixão de Diego era sua arte. Ela enfrentou suas maiores adversidades, várias mulheres e inúmeros casos do marido.

O casal voltou para o México em 8 de junho de 1931, mas não foi por muito tempo. Embarcaram para Nova Iorque no navio "*Morro Castle*", nos meados de novembro, juntamente com a Sra. Paine e Ramón Alva. Frida não tinha muito para fazer e vivia entediada com muitas coisas. Permaneceu ao lado de Diego na abertura da exposição do Museu de Arte Moderna em 22 de dezembro de 1931. A exposição de Diego foi saudada por um público muito grande, o maior de todas as exposições realizadas no Museu de Arte Moderna e em janeiro de 1932, um público de 56.757 já havia pago Ingresso para prestigiar. Após a exposição, Frida conheceu muitas pessoas e vivia em almoços, cinemas, cafés. Assim como Diego, não estava trabalhando tanto, e podiam ficar juntos por mais tempo. Em 31 de março de 1932, viajaram para a Filadélfia para assistir a estreia do Balé Mexicano, mas Frida não gostou, disse que era muito falso, mulheres loiras numa imitação barata das índias de Tehuantepec.

Diego foi convidado para ir a Detroit, que ele considerava o berço do proletariado estadunidense, para pintar murais. Em 21 de abril de 1932 Frida y Diego desembarcam na cidade, onde já havia um comitê de boas-vindas formado por personalidades como o vice-cônsul do México, membros do clube de cultura, assistentes de Diego e suas esposas. Diego estava encantado pela cidade, Frida desdenhava, sentia falta do México, odiava a comida. Em uma festa, oferecida por Henry Ford (fundador da Ford Company, empresa de automóveis), Frida se tornou o centro das atenções, vestida com trajes mexicanos, (O traje Tehuana é um dos mais conhecidos e admirados nos trajes regionais mexicanos. Corresponde às mulheres da etnia zapoteca, que vivem no istmo de Tehuantepec. Nasce em Tehuantepec, Oaxaca. É usado tanto pelos Tehuanas quanto pelos Juchitecas, especialmente em suas festas civis e religiosas, e por isso é dito que é um *traje vivo*. Desta forma, a sua validade é inegável, apesar de ter sofrido inúmeras modificações ao longo dos anos), se divertiu muito, dançou bastante com o anfitrião, e ao final da noite foi conduzida com o marido até a saída onde esperava por eles uma carro com chofer disponibilizado por Henry Ford, para uso dos dois. Diego agradeceu, porém, não aceitou o presente. O anfitrião aceitou a recusa, mas pediu

ao filho que fizesse um modelo para Frida e a presenteou. Porém, Diego trocou-o posteriormente por uma van.

Frida escreveu ao Dr. Eloesser quando estava com 2 meses de gravidez, e ele indicou que ela fosse a uma consulta com Dr. Pratt, que já sabia de todos os infortúnios da vida dela. Ela também sabia de suas reais condições e pensou se não seria melhor fazer um aborto. Pediu ao médico, que deu-lhe uma dose de quinina, ela sangrou por uns dias, porém não adiantou, pois o feto ainda continuava vivo. Ela já havia abortado, há 2 anos, no México, com 3 meses de gravidez. Dr. Pratt, achava melhor que ela tivesse o filho, mesmo sabendo de suas limitações, porém quando ela decidiu ter o filho, não pensou na preocupação de Diego com sua saúde, e nem nos motivos pelos quais ele não queria ter filhos. A gravidez a deixava ainda mais fraca. Diego trabalhava muito, ela ficava a maioria do tempo sozinha, não tinha amigos e Lucienne Bloch (famosa muralista americana, associada a Diego Rivera e amiga do casal) foi visitá-la para tentar persuadi-la a volta a pintar, porém, Frida estava com a mente ocupada aprendendo a dirigir.

A gravidez não foi longe, como outras também não foram. Frida sofreu mais um aborto em 4 de julho de 1932, e isto fez com que ela sofresse ainda mais. Lucienne Bloch relata em uma anotação feita em seu diário:

“Início de domingo. Frida estava tão roxa e menstruando muito. Ela foi para cama e o médico veio e como sempre disse que não era nada, que ela devia ficar na cama e repousar. De noite ouvi gritos medonhos de desespero, mas pensando que Diego me chamaria adormeci, tive pesadelos. Às cinco, Diego apareceu na sala, pálido e todo desgrenhado, e me pediu para ligar para o médico. O doutor chegou às seis com a ambulância e levou Frida, nas agonias do parto...havia uma poça de sangue...enormes coágulos de sangue que não paravam de descer. Ela parecia tão pequenina, parecia ter doze anos de idade. Os cachos do cabelo dela estavam úmidos de tantas lágrimas”. (HERRERA, 2011 pag.177)

Por causa do aborto, a tristeza tomou conta de Diego. Estava desolado, cansado, em sua mente passava a imagem de Frida sofrendo, gritando de dor, sangue por toda parte. Ver a agonia da esposa o deixou atordoado, e com a certeza de que jamais aguentaria tudo que as mulheres aguentam na vida. Frida não se conformava por ter perdido mais um filho. A dor de pensar que jamais poderia ter um filho de seu amado não a deixava ficar em paz. Pintou um autorretrato cinco dias após o aborto. Pediu ao médico que a deixasse ver os livros de medicina, porém era proibido para não impactar na recuperação dos pacientes, e Diego acabou convencendo-o, dizendo que a esposa criaria uma obra com o sofrimento que estava passando. A pintura mostrava Frida deitada na cama do hospital e várias imagens surreais em volta inclusive, um feto.

Frida passou 13 dias no hospital, saindo em 17 de julho de 1932. Dias depois, Diego começa a pintar no Instituto de Artes de Detroit. Após o aborto, as obras de Frida exaltavam ainda mais a figura feminina e sua resistência no que diz respeito a enfrentar as dura quedas da vida. Diego ao perceber a mudança diz: “Frida começou a trabalhar em uma série de obras-primas sem precedentes na história da arte”.

No dia 3 de setembro 1932, Frida recebeu a notícia que sua mãe estava com câncer no seio, que estaria à beira da morte e teve que viajar às pressas para o México. Durante a viagem de trem Frida chorava muito. Ao chegar à cidade, ficou na casa de Matilde e no dia seguinte foi ver a mãe que encontrava-se muito debilitada.

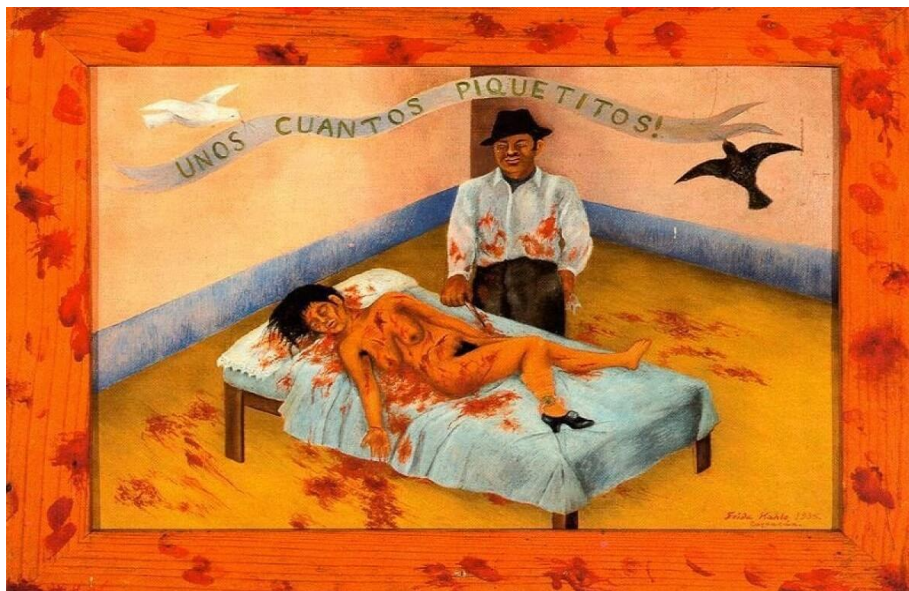
Em 15 de setembro de 1932, Matilde Calderón de Kahlo morreu, uma semana após a chegada de Frida. Seria então outro baque que a vida dava nela. Ficou muito triste, seu pai quase enlouquece, perguntava se sua esposa Matilde não estava em casa.

Algum tempo depois, Frida volta para Detroit, e em 13 de março de 1933, foram exibidos os murais, no entanto, foram reprovados por vários grupos. Para os clérigos, eram um sacrilégio, para os conservadores, eram comunistas e para os puritanos, obscenos. Uma semana depois da exibição, Frida e Diego foram embora de Detroit. Dois dias depois Diego já estava pintando no edifício da RCA, e em 4 de maio de 1933, com o afresco quase pronto, Rockefeller escreveu a Diego pedindo que substituísse a figura de Lênin por um rosto desconhecido, pois o mesmo julgava que seria uma afronta a várias pessoas. Não houve acordo e Diego foi “obrigado” a parar a obra.

Rivera por sua vez, estava com uma nova assistente, Louise Nevelson, passava muito tempo ao lado dela, a ponto de faltar ao trabalho. Os outros assistentes comentavam, Lucienne ficou indignada e escreveu em seu diário: “Frieda é uma pessoa perfeita para que alguém tenha vontade de colocar outra no lugar dela”. Diego passava noites fora de casa, e Frida não aguentava ficar tão só, ligava para Lucienne e dizia: “eu odeio ficar sozinha”.

Mesmo sendo tão volúvel, Rivera preocupava-se com Frida, pois não queria que ela fosse tão dependente dele. Pediu que Lucienne e Stephen Dimitroff a convencessem a voltar a pintar. Frida e Diego brigavam ainda mais quando ela falava em voltar para o México e dizia que a gringolândia já não teria mais nada para oferecer a ela e que, diferente dela, Diego gostava dos Estados Unidos. Ele chegou ao ponto de destruir um quadro que mostrava uma paisagem do México, o que deixou Frida furiosa.

Diego já estava quase falido, a ponto de os amigos comprarem as passagens e em 20 de dezembro de 1933, ele e Frida partiram para Havana, depois para Vera Cruz e finalmente partiram de volta para a cidade do México. Quando chegaram, foram para as casas construídas separadamente. Finalmente, Frida conseguiu o que queria: voltar para o México, para suas origens, porém, no ano de 1934, ela nada pintou, em 1935 apenas duas telas, que foram: *umas facadinhas de nada* (baseada em uma notícia policial de que, um bêbado matou a namorada com várias facadas e ao ser preso falou para o delegado que foram *apenas “umas facadinhas de nada”*); esse quadro retrata bem o que a sociedade machista vem de tempos atrás, o homem já tinha a mulher como sua propriedade, achando que era normal a violência. E a outra tela foi um *Autorretrato*.



Umas facadinhas de nada – 1935

2.4 A separação: ida aos Estados Unidos.

Frida esteve hospitalizada por mais três vezes. Uma foi a cirurgia para retirar o apêndice, outra por conta de outro aborto aos três meses de gravidez e outra por causa de seu pé. Nesse meio tempo, sua irmã Cristina foi abandonada pelo marido depois do nascimento de seu filho Antônio, e ficou na casa azul de Coyoacán com os dois filhos. Cristina posou em um nu alegórico para Diego em 1929, no mural do Edifício do Ministério da Saúde, a pedido de Frida. Cristina teve um caso com Rivera, e por causa disso, Frida se separou de Diego e foi morar em um pequeno apartamento no centro da cidade, levando consigo seu macaco de estimação. Essa seria a primeira separação dos dois. Frida chegou a consultar advogados e cogitar divórcio. Eles estavam separados, porém se viam constantemente. Diego se sentia culpado, queria que Frida tivesse as mesmas coisas que estava dando a Cristina, e dava às duas móveis idênticos. Frida aparentava felicidade, porém, apenas aparentava. Estava infeliz, ferida, não perdoava sua irmã pelo que tinha feito e viajou de avião para Nova York com Anita Brenner e Mary Schapiro, como forma de manter-se longe de tudo, e principalmente para se tornar independente. Depois foram de trem até Manhattan, e lá hospedaram-se no Hotel Holly. À medida que as coisas foram se acalmando dentro dela, percebeu que Diego era o homem de sua vida, mesmo sabendo das falhas de seu marido. Em 23 de julho de 1929 escreveu para ele, a carta dizia:

[Eu sei agora que] todas as cartas, relações sexuais com mocinhas, professorinhas de “inglês”, modelos ciganas, assistentes “com boas intenções” “emissários plenipotenciários de lugares distantes” representam apenas flertes, e que no fundo você e eu nos amamos ternamente, e por isso passamos por aventuras sem fim, portas esmurradas, imprecisões, insultos, reclamações internacionais – e ainda assim para sempre nos amaremos. [...] Todas essas coisas foram repetidas ao longo de sete anos que vivemos juntos, e esses ataques de ódio que senti serviram apenas para me fazer entender que no fim eu te amei mais do que minha própria carne, e que embora talvez você não me ame do mesmo jeito, de alguma maneira você ainda me ama, não é? [...] Vou sempre esperar que isso continue, e com isso já estou contente. (HERRERA, 2011, pag. 229)

De alguma forma, essa era a maneira de fazer Rivera se sentir culpado pelo sofrimento dela, e consegue. Diego se sentia o pior dos homens, porém, seu instinto de caçador de amantes não acabava e ele continuou sendo volúvel e infiel. Contudo, Frida não havia esquecido a traição de sua irmã, mas tentou ser uma pessoa “melhor”, transformando o sofrimento em piada, escrevendo em sua diário: *“Nada vale mais do que uma risada. É sinal de força gargalhar e se abandonar, ser leve. A tragédia é a coisa mais ridícula”*.

Tempos depois da traição, Frida deixa de lado o romance entre a irmã e seu marido, porém, não esquece, e retrata tudo isso em seus quadros: *lembranças*, de 1937, e *recordação de uma ferida aberta*, de 1938. O caso do marido com a irmã, transforma Frida em uma mulher mais forte; não era mais tida como um bibelô; adquiriu autossuficiência, não que fosse desprovida disso, mas ficou mais evidente em sua vida. Frida voltou a San Ángel em 1935; já havia perdoado a irmã, saíam à noite para se divertirem junto com amigos, e ela passou a beber com mais frequência, sempre carregava alguma bebida na bolsa; Lupe Marín sempre dizia: “Frida era capaz de beber mais do que homem, qualquer homem sem ficar bêbada”.

2.5 Traições múltiplas e recíprocas.

Frida tinha vários e várias amantes. O bissexualismo que antes era trauma, porém tornou-se algo comum na sua vida. Pintou duas mulheres amantes, *“Dois nus em uma floresta”* e a mesma mulher surge em outro quadro, *“O que a água me deu”*.



“Dois nus em uma floresta” 1939

Diego por ser uma homem mais velho, julgava não ser capaz de suprir as necessidades sexuais de sua mulher, muito mais jovem que ele, e a estimulava ao caso homossexuais. Embora não fosse machista, ele não aceitava que Frida tivesse romances heterossexuais. Às vezes ela tinha que trancar a porta que levava até a casa de Diego, ou se encontrava na casa de Cristina, com seus inúmeros amantes. Um desses amantes apaixonou-se por Frida, o escritor Isamu Noguchi, ignorando o aviso dela quando dizia que seu marido era muito ciumento e que nada o impedia de cometer assassinatos. Noguchi, ao conhecer Frida disse que:

Ela era adorável, absolutamente maravilhosa. Uma vez que Diego era famoso por ser rematado mulherengo, ela não podia ser culpada se visse homens. [...] Naquele tempo nós meio que brincávamos, éramos meio frívolos, eu fazia isso, Diego fazia isso, e Frida também. Mas para ele era

inaceitável. Eu tive uns encontros amorosos com ela, aqui e ali. Um dos lugares era a casa de sua irmã Cristina, a casa azul de Coyoacán. (HERRERA, 2011, pág. 245)

Os amantes compraram um apartamento para os encontros furtivos, porém, Diego descobriu e acabou com a devassidão, quando o entregador dos moveis encomendados por Frida para mobília-lo, entregou na casa de San Ángel. Diego ficou furioso, foi até a casa azul, armado, e quase matou Noguchi. Com Léon Trotsky, intelectual, marxista da revolução bolchevique Frida teve um romance cheio de imprudência, pois ele era casado com Natalia, que desconfiava do romance. A senhora Trotsky, no auge de seus 55 anos, enciumada e depressiva, sentia-se velha com relação a Frida. Em 7 de Julho de 1937, Trotsky saiu da casa de Kahlo e foi passar um tempo em uma chácara, e Frida foi visita-lo com o irmão de Lupe, ficava mais fácil para os encontros amorosos.

Após o fim do caso com Trotsky, Frida e Diego tiveram vários amantes, ela fazia chacota dos romances de Rivera e tinha os seus, porém todos escondidos. Ela passou a pintar mais, em destaque estão: *Fulang-chang e eu*, *Lembranças*, *Minha babá e eu*, *Quatro habitantes do México e Eles pedem avião e ganham asas de palha*, *Menina com máscara da morte*, *Eu e a boneca*, *O que a água me deu*, e *Três naturezas mortas: Tunas, Pitaiaias e frutos da terra* e um autorretrato para Trotsky. Frida mostrou-se mais dinâmica, e sua feminilidade era cada dia mais presente em suas obras. Quando ela estava com mais vontade de pintar, passava horas em seu estúdio em plena concentração, porém, havia momentos que não conseguia concentrar-se em nada, e deixava a pintura um pouco esquecida. Desde que voltou de Nova York, ela pintou cerca de doze telas pequenas. Rivera, além de ter ajudado e incentivado a esposa a pintar, também foi de fundamental importância na primeira grande venda de suas obras. O cineasta Edward G. Robinson comprou 4 telas no valor de 200 dólares cada.

Após isso, Frida conheceu André Breton (escritor francês, poeta e teórico do surrealismo), “o papa do surrealismo”, que se encantou pelas obras dela, e se ofereceu para organizar uma exposição para ela em Nova York. Frida viajou para Nova York em outubro, e no dia 1º de novembro de 1938, aconteceu a exposição. O folheto informando sobre o assunto, distribuído aos jornalistas dizia:

Uma mostra de pintura de Frida Kahlo (FRIDA RIVERA) estreia na terça-feira 1º de novembro, na GALERIA JULIEN LEVI, rua 15 Leste. Frida Kahlo é esposa de Diego Rivera, mas em sua primeira exposição ela demonstra ser uma pintora significativa e intrigante por seus próprios méritos. Frida Kahlo nasceu em Coyoacaca [sic] (subúrbio da cidade do México) em 1910. Em 1926 ela foi vítima de um grave acidente automobilístico (cujo efeitos psicológicos podem ser notados em sua pintura subsequente). Presa à cama durante certo período ela começou a pintar, com técnica primitivista, mas meticulosa, seus pensamentos fugazes e mais pessoas. Em 1929, Kahlo tornou-se a terceira esposa de Diego Rivera, que incentivou sua pintura, no ano passado ela conheceu o surrealista André Breton, que saudou entusiasticamente sua obra. A própria Frida escreve: “Eu nunca soube que erra surrealista até André Breton me dizer que eu era. Eu mesma ainda não sei quem sou”. O fato é que suas pinturas combinam uma qualidade mexicana nativa *naïf* com uma invulgar franqueza e intimidade feminina, além da sofisticação que é o elemento surrealista. Seguindo a tradição mexicana, são executadas sobre metal e enquadradas em charmosa molduras de vidro e estanho. A obra desta neófito é categoricamente importante e ameaça até os louros do distinto marido. A

exposição continuará aberta por duas semana, até 15 de novembro. (HERRERA, 2011, pág. 281.)

A lista de ser exibida, tinha 25 telas, todos ficaram encantados, pois não haviam visto nada parecido com todas aquelas telas em exibição. A empresa ficou encantada com a “pequena Frida”, como chamaram-na, e suas obras, a exposição tinha sido um sucesso pois metade dos quadros foram vendidos. Várias celebridades compraram os quadros de Frida naquela noite, inclusive Nickolas Muray (Nickolas Muray era um fotógrafo americano nascido na Hungria e um esgrimista de sabres olímpicos), que tornou-se amante de Frida. Ela se apaixonou por ele. Muray era um homem bondoso e bonito, sempre ajudava Frida a planejar as exposições, transportar os quadros e a ajudava no que fosse possível. Diziam que o caso de amor tinha iniciado ainda no México. As cartas de amor que ela escrevia para ele eram intensas, e tratava-o de uma maneira carinhosa: “*Meu adorável Nick, mi niño*”. Apesar de ter vivido tórridos romances e de seus sentimentos por Muray, seu amor por Diego era maior que todos; ela estava ligada a ele e Diego também a amava muito.

O romance entre Frida e Muray termina quando ele percebe que não conseguiria suportar o fato de que Frida tinha Diego em seu coração, e por mais que fosse volúvel, não conseguiria esquecê-lo nunca. A sombra de Diego sempre estaria no meio deles. Em janeiro de 1939, Frida vai à França, porém nem tudo sai do jeito que ela queria, para exposição que seria organizada por Breton. Não suportava mais estar em um quarto apertado, junto com a filha dele, e hospedou-se no hotel. Ficou muito doente e precisou ser levada de maca ao hospital. Tinha contraído uma doença nos rins. A vida de Frida Kahlo, sempre foi cheia de sofrimento e dor, porém, nada a fazia desistir de viver. Lutou com todas as força para passar por todas as adversidades da melhor forma possível. Em seu diário, ela escrevia mensagens de amor ao esposo Diego, o sofrimento passado, as dores que sentia, as frustrações pelas perdas sofridas.

Frida e seu amado esposo divorciaram-se, uns dizem que Rivera descobriu os casos dela, principalmente com Muray, outros, que o problema era de cunho sexual e outros mais, diziam que ele queria protegê-la por conta da política. Ela deixou a casa em San Angel e foi para a casa azul de Coyoacán, porém, sempre estavam encontrando-se e divertindo-se juntos. No outono de 1939 e no inverno de 1940, Frida estava deprimida, teve um problema na mão direita, sentia muita dor e não conseguia trabalhar. Não queria que ninguém que tivesse contato com Diego fosse visitá-la. No dia que chegaram os papéis do divórcio, Frida estava terminando sua mais famosa tela, *As duas Fridas*, que fazia alusão ao que ela estava passando, uma das *Fridas* amada por Diego e outra, que ele não amava mais. Um mês depois do divórcio, Frida cortou novamente os cabelos, assim como tinha feito quando descobriu a traição de Cristina. Ela tentou viver da sua arte, e não aceitava ajuda de seu ex-marido. Pensou em alugar sua casa, porém teria que reformá-la, e não tinha dinheiro. Tentou uma bolsa na competição Interamericana da Fundação Guggenheim de 1940. Muitos amigos apadrinharam-na e escreveram cartas de recomendações, inclusive Diego Rivera. Schapiro disse:

Ela é uma pintora excelente, verdadeiramente original uma das mais interessantes artistas mexicanas que conheço. Seu trabalho faz bonito quando posto ao lado dos melhores quadros de Orozco e Rivera; em muitos sentidos sua obra é mais nativamente mexicana do que a deles. Se ela não possui o sentimento trágico e o heroico dos muralistas, está mais próxima à

tradição comum mexicana e de sua sensibilidade para forma decorativa. (HERRERA, 2011, pág. 350)

Todavia, mesmo com as recomendações, ela não conseguiu a bolsa, não conseguiu convencer. Nas encomendas que recebia, quase nunca seguia o que o cliente pedia, sempre focava no seu íntimo. Como aconteceu na pintura “O suicídio de Dorothy Hale”, uma tela encomendada para lembrar a imagem moça, e ela pintou o suicídio, a modelo saltando do edifício.



O suicídio de Dorothy Hale- 1939

2.6 Novo enlace.

Em 8 de dezembro de 1930, cujo dia era o aniversário de 54 anos Diego, ele e Frida se casaram novamente com a condição de que não haveria intimidades entre eles. Passaram juntos duas semanas na Califórnia e voltaram ao México no natal para ficar com a família. Com o passar dos anos, Frida e Diego tornaram-se como “unha e carne”. Ele tinha seus casos amorosos públicos, e Frida também os dela, porém as escondidas. Ela era muito apaixonada pelo esposo, e o defendia de quem quer que fosse. Vez por outra comprava as brigas dele, chegando a ser agredida também. Com o passar dos anos, Frida foi ficando mais debilitada, não pintava mais como antes, e quando tinha alguma encomenda, passava meses para terminar. Por intermédio de Rivera, tornou-se professora de crianças; ela gostava muito dessa função: brincava com elas como se fosse criança também, mas, com o tempo sua disposição para brincadeiras foi ficando mais rara.

Frida também trabalhou como professora de artes na escola *La esmeralda*, onde dava aulas para adolescentes. Por fim, não aguentou mais o trajeto entre *Coyoacán* e a escola, pediu que os alunos fossem até sua casa para as aulas, porém pouco foram e desistiram. Em 1945, ela reduziu os trabalhos como professora, porque a coluna e o pé já lhe incomodavam bastante. Com certo tempo, não aguentava mais as dores e passou a tomar morfina.

2.7 A dolorosa partida.

Durante sua estadia no hospital, Frida passou por vários exames, Diego estava sempre junto a ela, se desesperava, gritava que queria sair dali, às vezes

chorava, porque as dores aumentavam. Nunca estava sozinha almoçava todos os dias com os amigos, Cristina quem levava comida para todos. Após a segunda inauguração da “pulqueria” *La Rosita*, em 1954, foi organizada a primeira exposição de Frida no México, e ela não queria deixar de ir. O médico a proibiu, porém, ninguém a segurava quando queria algo. Ela foi, levada de ambulância. Sua amiga preparou uma cama na galeria, para que Frida pudesse permanecer deitada, contanto que não perdesse a exposição. No dia da exposição, começaram a lotar o recinto e Frida, como sempre, foi o centro das atenções. Adentrou deitada em uma maca e foi colocada na cama, foi saudada por todos que ali estiveram. Nessa noite, Frida pediu que o escritor Andrés Henestrosa cantasse “*La llorona*”. A exposição foi um sucesso, e ela ficou muito feliz. Estando melhor, porém a base de remédios. Como sempre, ela não se deixava abater nem transparecer tristeza, dizia “que vão arrancar minha pata”. A operação foi realizada e Frida recusou-se a usar a prótese, Frida não suportava mais ninguém, vivia aborrecida e nervosa, Diego não suportava vê-la sofrendo e se afastou.

Em 2 de julho de 1954, Frida foi a uma manifestação, estava frio e chuvoso, o médico tinha a proibido de sair da cama, porém ela não obedecia a ninguém, estava com broncopneumonia, mas não se deixa vencer, arriscando a própria vida.

Ela estava morrendo, e escreveu em seu diário as palavras: “Espero a partida com alegria – e espero nunca mais voltar – Frida”. Em 13 de julho de 1954, uma terça-feira, ela faleceu, dizem que ela cometeu suicídio, porém seu esposo afirma que foi a pneumonia. Quem descobriu sua morte foi a enfermeira, que ao acordar, foi até a cama dela, viu que ela não mais respirava pegou em suas mãos que estavam frias. Ela avisou ao motorista que foi informado a Diego o ocorrido: “*señor*” ele disse “*muero la niña Frida*”. A comoção tomou conta do México, muitos foram dar o último adeus a ela. Diego entristeceu e envelheceu ainda mais. Diego também não aguentou por muito tempo, pouco tempo depois ela faleceu. No ano da morte dela, Cristina cuidou junto com uma enfermeira dia e noite dela.

Após 60 anos da morte de Frida, descobriu-se em um dos cômodos da casa de azul de *Coyoacán*, um acervo com trancou 6 mil fotos, 300 itens pessoais, 12 mil documentos, vários objetos que pertenciam a Frida. Segundo Circe Henestrosa, co-curadora da exibição.

Com a descoberta dos objetos pessoais da artista, novos insights foram revelados sobre como seu estilo pessoal era em parte guiado por suas deficiências. “Roupas se tornaram parte de sua armadura, para desviar, omitir e disfarçar suas lesões (HENESTROSA, 2018)

Foram expostos de 16 Junho de 2018 a 18 Novembro de 2018, e Circe Henestrosa, co-curadora da exibição.

4 CONCLUSÃO

Através deste estudo foi possível verificar que Frida foi uma mulher bem além de suas possibilidades, lutou contra o preconceito e venceu por seus próprios méritos. Foi uma feminista empoderada, e até hoje sua imagem é um símbolo de mulher forte e decidida. Frida hoje é considerada como precursora da luta a favor do feminismo. Era uma fortaleza, da vida não esperou nada, porém, sempre contornava a morte.

Era dotada de muita inteligência e poder, fazendo qualquer homem e/ou mulher ficar aos seus pés. Ela era homossexual e comunista, vivia em protestos, engajada

sempre em alguma luta, não temia nada, saía com vários amantes, pois para ela era normal. Amava o marido, Diego Rivera, que também a traía com belas mulheres.

Suas obras sempre fizeram alusão à dor. Ela transmitia o que estava sentindo, mostrava sua feminilidade aguçada, exótica, era dotada de um erotismo extremo, por isso tinha muitos flertes. No que diz respeito à luta pela causa feminista, podemos então dizer que Frida foi a mais exímia lutadora a favor dessa causa.

Seis décadas após sua morte, ela ainda é lembrada como uma mulher de força e de fibra, bem como a representação inquestionável de causas, feministas ou homossexuais.

5 REFERENCIAS

HERRERA, Hayden. Frida, A Biografia: São Paulo: Editora Globo, 2011. 620p.

ACCETTO, Torquato. Da Dissimulação Honesta: Martins Fontes, 2001. 93p.

AS Sufragistas. Direção de Sarah Gavron. Reino Unido: Pathé Films, 2015. Netflix, 1h 47 mim.

A Vida Secreta de Frida Kahlo. Por Bbc News, 2018

<https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2018/07/vida-secreta-de-frida-kahlo.html>

FRIDA. Direção de Julie Taymor. Estados Unidos: Miramax Films, 2003. Netflix, 2hs 00 min.

PORFÍRIO, Francisco. "Femicídio"; *Brasil Escola*. Disponível em:

<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/femicidio.htm>. Acesso em 26 de junho de 2019.

DA BBC NEWS Brasil em São Paulo. 13 junho 2019

Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese>

SCHOPENHAUER, Arthur. A vontade de amar. Disponível em:

<https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/11/schopenhauer-a-vontade-de-amar.pdf>

Traje regional de Tehuana é filigrana de cor bordado. Disponível em:

<http://www.diariomarca.com.mx/>

Tehuana (fantasia) Disponível em:

<https://es.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Portada>

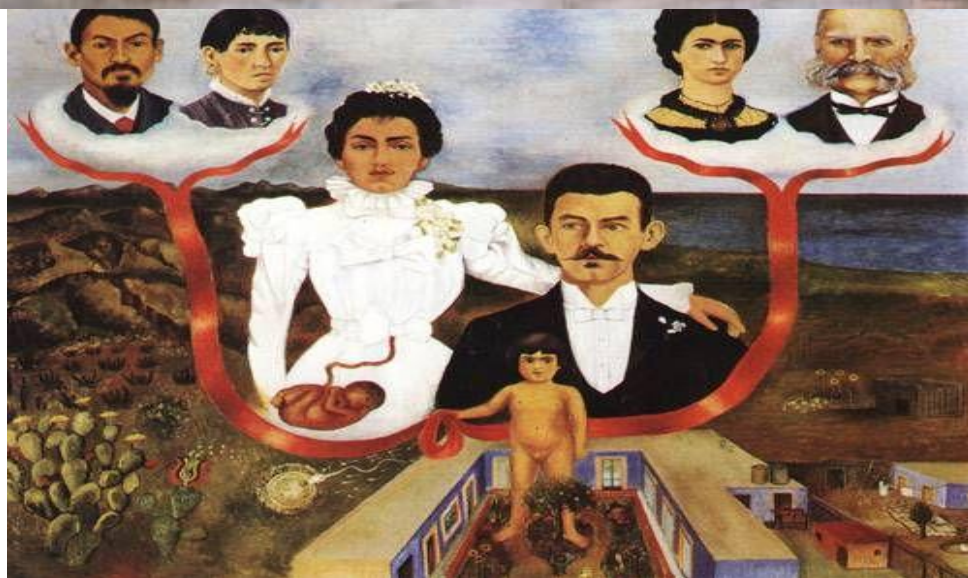
IMAGENS
A arvore da esperança, 1946

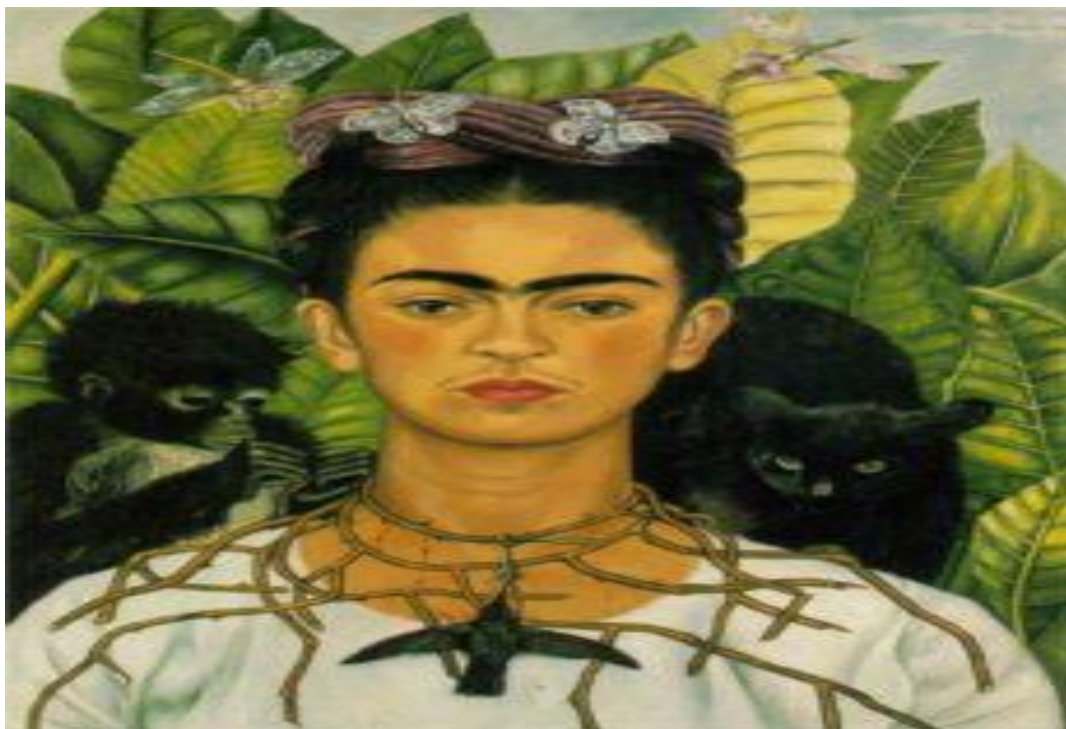


Diego e eu, 1949

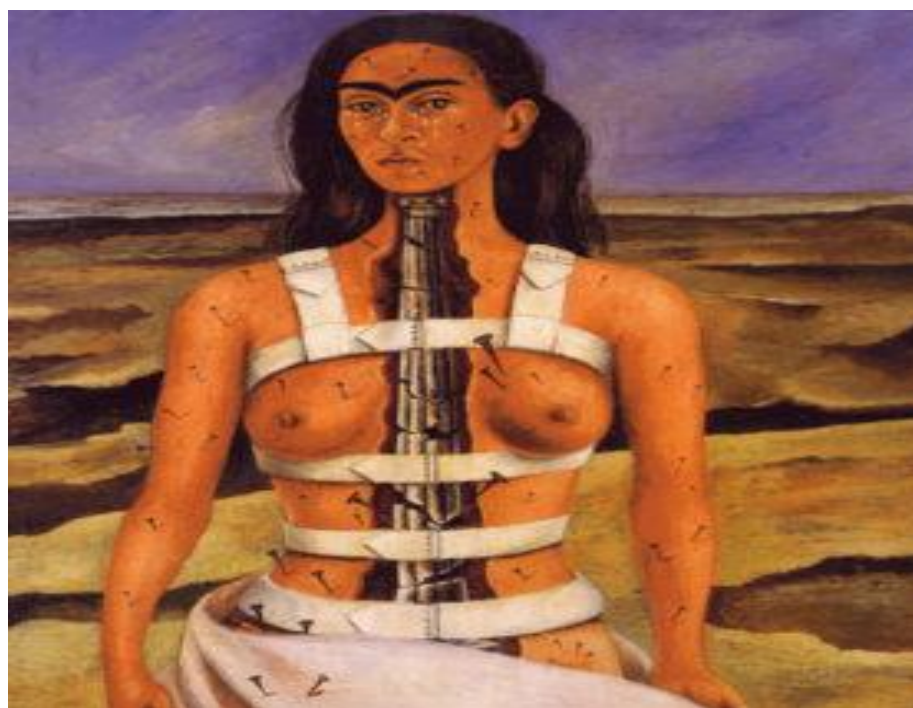


As duas Fridas 1939





A coluna partida 1944

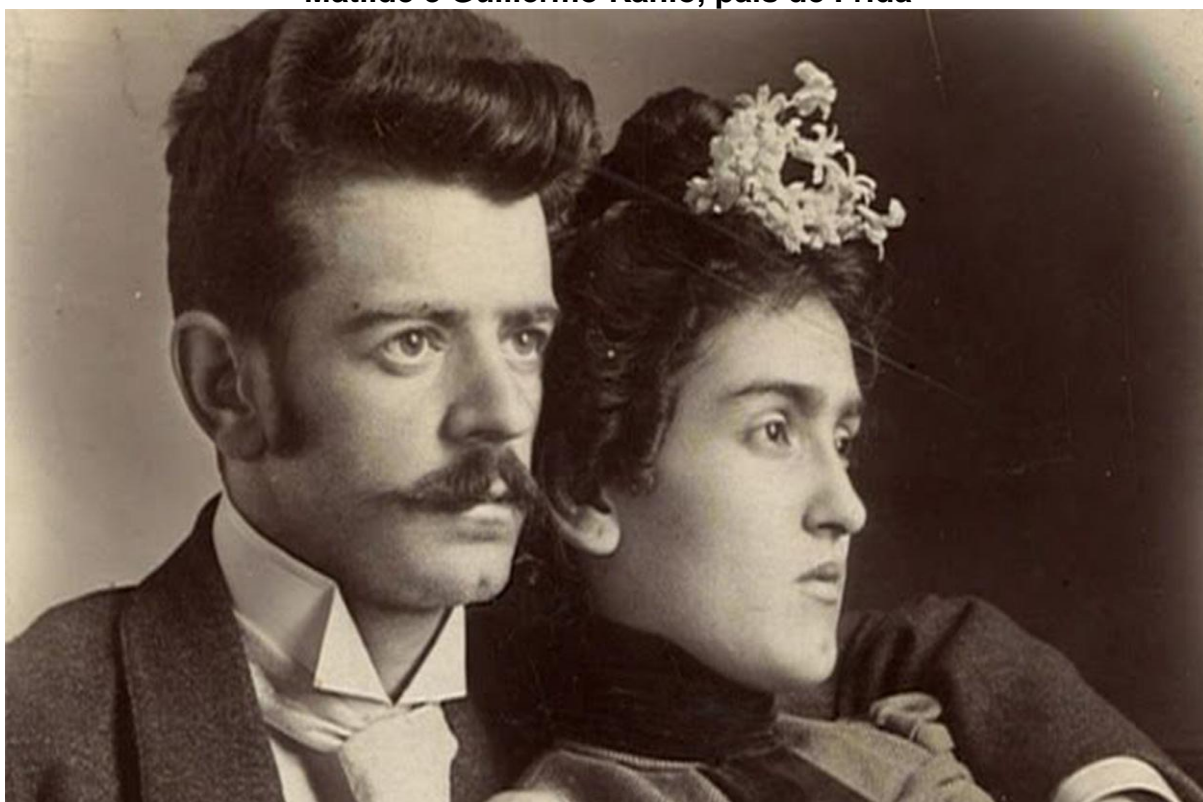


Frida e família

Frida Kahlo aos 2 anos de idade tirada por seu pai



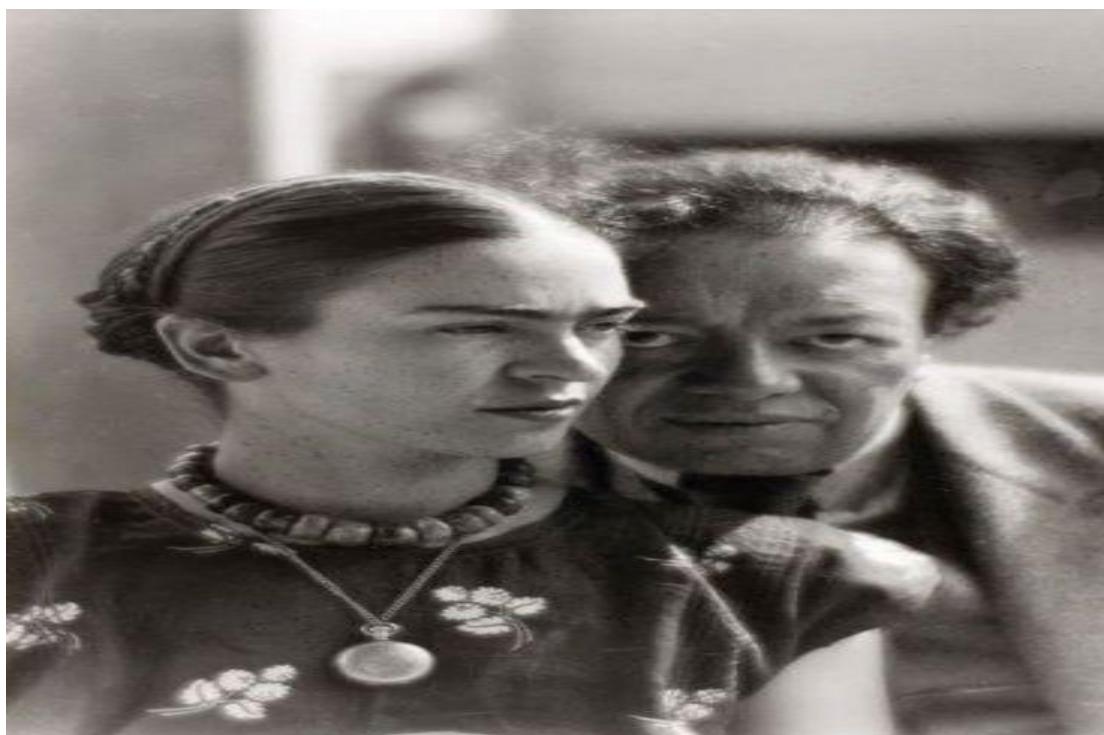
Matilde e Guillermo Kahlo, pais de Frida



Frida (a direita) com 12 anos, sua irmã Cristina (a esquerda) e sua melhor amiga, Isabel Campos (centro), 1919.



Frida Kahlo e Diego Rivera



Amantes de Frida: Os mais conhecidos (León Trotsky)



Isamu Noguchi



Nicolas Muray



AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela virtude da sabedoria, pela saúde e determinação para concluir este artigo.

À minha família pelo apoio nos momentos de dificuldades ao longo dessa jornada, à minha **mãe**, (Lucia de Fátima Santos Silva) pelos longos anos de dedicação, ao meu **filho**, (Mikkel Silva Maciel) pela compreensão nas horas difíceis, e ao **meu esposo**, (Jair Pereira da Silva) pela paciência e delicadeza comigo nos momentos mais conturbados deste curso.

À professora Gilda Carneiro Neves Ribeiro pela paciência e dedicação na orientação deste trabalho. Aos professores do Curso de Letra Espanhol que contribuíram para minha formação profissional, e para que eu me tornasse amante da profissão de professor e da língua espanhola, bem como da Literatura Hispanoamericana.